

«A felicidade é a amizade que nos liga»

Domingo, 3 de fevereiro, teve lugar a assembleia dos adultos envolvidos na experiência dos Cavaleiros do Graal, a proposta cristã para os rapazes e raparigas do 6.º ao 8.º ano. Apontamentos do diálogo com Davide Proserpi, vice-presidente da Fraternidade de Comunhão e Libertação.

Ordem do dia: estas duas mensagens enviadas por WhatsApp por uma rapariga de Lecce:

«O que é o Graal? É verdade que não o sabes? Nem eu. E não tenho que ter vergonha disso. Olha para nós! Não temos todos da mesma idade, não somos todos do mesmo lugar, mas estamos todos à procura da mesma coisa: a felicidade. E todos os que estão connosco encontram-na, com as pessoas que estão no grupo, mais novos e adultos. A felicidade é a amizade que nos liga, apesar da distância. Ali encontra-se a verdadeira amizade, ali encontras-te a ti próprio. O Graal que nos torna Cavaleiros, pessoas civilizadas, que nos diferencia das outras pessoas. O Graal é a nossa unidade, o Graal é a nossa grandeza».

«Se me perguntas porque é que sou “grallina” eu digo-te: “Porque não posso fazer de outra maneira”. É tão difícil explicar aos de fora o que é o Graal, tão difícil explicar por palavras. E ainda mais difícil explicar a quem pergunta «Porquê?». Porquê ir às reuniões ou partir para as férias mesmo se está um dilúvio ou neva, andar a cansar-se pelos montes, quando poderias estar comodamente deitado na praia ou no hotel, porquê escolher aquela gente estranha que anda a cantar pelas ruas quando o mundo é feito de pessoas... O Graal não se explica, nunca nos foi explicado, não temos lições sobre o que seja, e como funciona, o Graal vive-se, experimenta-se na própria pele e então as palavras são quase completamente inúteis».

Gloria. *Quando li estas duas mensagens no WhatsApp comovi-me porque exprimem bem, como uma miudinha de 11-12 anos pode fazer, a experiência de correspondência que somos chamados a viver. Claro, não é dado por adquirido que os miúdos sejam conscientes da origem desta experiência, mas é exemplificativa do método, do implícito ao explícito, e lendo-as, perguntei a mim própria: mas o que é a origem disto? Quem é que trás consigo o significado disto? Como é possível que os miúdos venham a descobri-lo? Neste período muitos grupos estão a participar no gesto da Promessa que só por si explícita a origem da beleza que experimentamos. Também à luz do percurso sobre a santidade que estamos a fazer na Escola de Comunidade, que indicações nos surgem?*

Caterina. *Este ano entraram no nosso pequeno grupo alguns miúdos, convidados pelo meu filho, de entre aqueles que juntamente com ele nas aulas são o terror dos professores. Isto levou a uma reviravolta nos nossos encontros semanais com um significativo aumento da dificuldade. Em primeiro lugar, quanto à modalidade: apanhar os miúdos à saída da escola, sanduíche juntos, jogo e encontro. Depois sobre a proposta a fazer aos miúdos vez após vez. Com eles não funciona o habitual encontro porque muitas vezes passamos o tempo a dizer «Não saiam daqui, não vão ali, vais aleijar-te, não digas palavrões», e por aí adiante. A sua galhardia e sobretudo a sua fidelidade, em particular dos mais difíceis, começou, no entanto, a mudar o nosso modo de estar diante deles. Já não com uma posição de quem os quer aprisionar, mas de quem quer perceber o que é que eles veem nos Cavaleiros ao ponto de permanecerem apesar de lhes chamarmos a atenção e de lhes ralharmos. É verdade que às vezes prevalece o cansaço porque a vivacidade deles, em particular de alguns deles, não diminuiu e parece-te que nada daquilo que propões é retido, ao ponto de nos termos perguntado se os devíamos levar à*

Promessa porque isso significaria termos de os vigiar noite e dia. Daqui nasce a minha pergunta: estes miúdos já nas aulas estão habituados a serem suportados e olhados como "os difíceis", como é que podem perceber um abraço nosso diferente? No que respeita à promessa (em todo o caso decidimos levá-los...) ou qualquer outro gesto que possamos propor, há situações em que um adulto pode dizer a um miúdo para não fazer a promessa, para não a tornar um gesto banal e já sabido? E o que é que significa a frase da miudinha que nos enviaste: «O Graal vive-se e não se explica»?

Davide Prospero. Para mim aquilo que contas é um testemunho de como cada um de nós é chamado a olhar para as coisas que nos acontecem cada dia, não só com os miúdos, com esta tensão para nos apercebermos do verdadeiro, para estarmos sempre mais ligados e identificados com Cristo. Pelo que contas percebe-se que a única resposta possível à tua pergunta é aprender a olhar as coisas como Jesus as olha. A outra vez em que participei nesta assembleia, lembro-me que a certa altura surgiu esta preocupação: para podermos estar adequadamente diante das perguntas destes miúdos, não podemos limitar-nos a uma estratégia de aproximação ou de comunicação de verdades que armazenámos e que lhes podemos comunicar. A única maneira adequada é desejar aprender a olhar para eles como Deus os olha. Mas como é possível aprender a olhar estes miúdos como Deus olha para eles? Como é que podemos saber como é que Deus olha para eles? Podemos aprendê-lo, porque este olhar está na nossa vida, porque a maneira como Deus olha para as coisas é-nos comunicada através do olhar de Cristo, e apercebemo-nos que o olhar de Cristo muitas vezes é diferente da maneira como nós olhamos para as coisas, as pessoas, estes miúdos, mesmo com toda a boa vontade. Aquilo que contaste impressionou-me muito porque é mesmo verdade, é o modo com que eu olho para os meus filhos, o modo com que olhamos continuamente tudo, com que olhamos para nós próprios, ou seja, ainda com um cálculo dentro, uma medida da qual é difícil – talvez impossível – distanciarmo-nos com as nossas forças. Este cálculo é a medida do “recortar” aquilo que é bem e aquilo que é mal, “recortar” o miúdo na base daquilo que é capaz ou não é capaz de fazer, sobre os erros que faz ou sobre as coisas boas que consegue fazer. É bonito que vocês iniciem o vosso encontro com a missa porque a missa dá sempre uma indicação. Como da última vez, que era a Ascensão, assim também hoje (*Evangelho, Mc 6, 45-56*). Jesus parte sempre de um ponto diferente, como disse o Don Marcello na homilia quando referia que existe esta tensão, que Jesus está atento aos seus discípulos, porque há sempre um ponto de partida diferente. A comoção de Jesus nasce de reconhecer o desejo de uma afeição, não nasce do facto de sermos valentes, mas do facto que existimos e que desejamos estar com Ele, que O procura. É como dizias antes: porque é que estes miúdos vêm aos nossos gestos? Mas vêm! E este é o único critério que Jesus usa para julgar, ou seja, abraçar a realidade que tem diante. Mas como é difícil para nós separarmo-nos das imagens que temos para dar espaço a este reconhecimento que, pelo contrário, é o que nos liberta. É o reconhecimento de que estes miúdos estão, e não há nenhuma razão no universo pela qual deveriam desejar vir se não porque qualquer coisa, fora da nossa capacidade de o realizar, aconteceu à vida deles. Eles ainda não sabem bem o que seja, e nem nós sabemos, mas qualquer coisa grande aconteceu objetivamente neles. Hoje em dia não há uma razão para que um miudinho de 11-12-13 anos tenha de vir a uma coisa assim, e depois voltar e voltar fielmente. Isto enche-nos de gratidão e também de perguntas. Eu estou surpreendido com a frase desta miudinha de Lecce. A Glória dizia que nós estamos aqui pelas mesmas razões desta miúda mas com uma consciência diferente. Eu queria dizer, no entanto, que não sei que consciência tenho, se é maior do que esta, porque o que me impressiona é que o essencial já está desde o início, porque é qualquer coisa que é posta no coração e depois toda a vida servirá para fazer explodir isto. Como é possível que alguém diga: «o Graal é toda a nossa grandeza»? Eu não conseguiria dizê-lo melhor. Não sei o que se pode desencadear no coração, na cabeça de uma miudinha de 11-12 anos, para

reconhecer que a própria grandeza humana, que a realização do objetivo porque se está no mundo – esta é, de facto, a nossa grandeza – está naquilo em que, pela misericórdia de Deus, nós fomos postos, dentro de um encontro, e não em qualquer coisa que possamos realizar, qualquer coisa que nos possamos tornar capazes de fazer, como toda a gente diz. Este é o critério com que cada dia devemos olhar para eles e é o modo com que Deus nos purifica, com que purifica aquela última herança de falta de estima que sentimos diante da Sua capacidade de mudar o coração de cada homem. Muitas vezes damos por nós a pensar que alguns destes miúdos, aqueles que não estudam, ou que estão sempre a arranjar problemas na escola, no fundo não são feitos para esta grandeza, ou que são menos que os outros. Pelo contrário, estes miúdos são para nós uma ocasião para crescermos, para nos tornarmos maiores, ou seja, mais correspondentes ao motivo pelo qual nos foi dada esta ocasião, porque fomos postos dentro desta estrada com uma tarefa.

Tullio. Queria contar uma coisa que aconteceu no último encontro em Aosta. Nós vamos fazer a promessa sobre Pier Giorgio Frassati (de Turim, morreu jovem e foi declarado beato pelo Papa João Paulo II em 1990). Tínhamos uma página de don Marcello muito bela e entre nós dissemos que não queríamos que Frassati caísse ali de paraquedas. Não sabia por onde começar, tinha as fotocópias, prontas para serem lidas, e depois o que é acontece? Duas ou três raparigas do 7º ano, grandes fãs do Vasco Rossi, contaram durante o jantar que iriam ao concerto no dia 2 de junho. Eu, que não sou nenhum grande especialista de Vasco Rossi, perguntei porque é que gostavam dele e elas contaram algumas coisas da sua vida, que era drogado, que se recuperou, etc. Depois do jantar, estava uma atmosfera muito agradável, peguei na guitarra e disse: “Cantemos uma música do Vasco Rossi!”. Depois o nível da conversa subiu e acabámos por cantar Chieffo. Estava uma atmosfera muito viva e então pensei em fazer uma pergunta, enquanto pensava comigo próprio como poderia introduzir o tema das fotocópias: “Mas vocês a quem admiram verdadeiramente, quem é que estimam assim tanto que pensam: quando for grande quero ser como ele? Quem é que querem imitar?”. E então uma rapariga contou o que é que gostava no Vasco Rossi e naquele ponto abriu-se uma porta. Por exemplo, alguém mencionou uma pessoa do movimento dizendo que era boa, mas também simpática e inteligente; outros disseram que queriam tornar-se como aquelas pessoas que te conseguem perceber. Em suma, deram muitas conotações seja de pessoas concretas, seja sobre pessoas imaginárias. Vi que me punha os nervos à flor da pele imaginar o futuro deles. Escevia tudo no bloco de apontamentos. A um certo ponto, havia um miúdo que não tinha falado, mas percebia-se que tinha qualquer coisa a dizer e no final interveio: “Eu não me revejo em todas estas características porque são todas demasiado positivas”. Eu perguntei-lhe: “O que queres dizer?”. “Por exemplo, eu admiro os ladrões porque são muito astutos”, e citou alguns filmes. E eu dizia a mim mesmo: “E agora como é que faço para retomar o ponto? O ladrão, o Vasco Rossi, o canto do movimento... ainda bem que o tempo acabou e domingo vou à Assembleia dos Cavaleiros e pergunto-lhes”. Eu vim embora com noção destas duas coisas: primeiro, que estava muito contente que fossem livres, isto é livres de não dizer as coisas só para nos agradar. A segunda coisa: “O que quer dizer que agora a proposta de um santo não é uma coisa forçada?”. Voltando a casa e pensando novamente no percurso sobre a santidade que estamos a fazer na Escola de Comunidade, disse a mim mesmo que o santo não é estranho à nossa humanidade, mas é o seu cumprimento. Lembrei-me de quando don Giussani explica a diferença entre o divo e o santo. O divo é uma pessoa que cumpriu um aspeto da sua vida, enquanto que o santo cumpriu toda a sua vida e que isto é possível só se Deus está. Queria recomençar sem censurar a experiência deles porque falaram sobre aquilo que vivem, mas interessa-me mais o passo que nos leva até à Promessa, isto é, perceber que o santo é o cumprimento de mim mesmo. A pergunta que faço é: “Mas que experiência é que estes

miúdos estão a fazer, que experiência faço eu com eles?”

Don Marcello. *O que dizes é justíssimo, o ponto é que deves partir daquilo que eles diziam. Não podes dizer-lhes que o santo é o cumprimento da humanidade assim sem mais nem menos, porque isso é qualquer coisa que estás a forçar. Pode-se partir do Vasco Rossi porque ele tem perguntas em abundância. Se os fizeres ouvir “Dannate nuvole” (Malditas Nuvens), percebes que o santo tem muito a ver com o Vasco Rossi, porque ele diz: “Nada tem sentido, mas eu continuo à procura dele”. Os nossos Cavaleiros encontraram aquilo que o Vasco Rossi procura.*

Proserpi. Concordo com o don Marcello, porque, no fundo, a nós não é pedido, antes de mais, – ou melhor, não é pedido de todo – que os endireitemos, isto que os orientemos para aquilo que nós pensamos que seja certo para eles, tendo nós visto na nossa experiência que aquilo que encontrámos é a coisa mais verdadeira para todos. Mas não nos podemos esquecer que aquilo que nos persuadiu de que aquilo que encontrámos é a coisa mais verdadeira para todos, é o facto de que isso se tornou certo dentro da verificação da nossa experiência. Se nós evitássemos, saltássemos, pensássemos em atalhar o caminho que cada um deles deve fazer para alcançar esta certeza pessoal – o primeiro sinal que não é igual para todos, é que todos te disseram coisas diferentes, porque cada um deles tem um ponto que é seu e então o problema é que uma pessoa faz todo um percurso e é alcançado no ponto em que agora está – se saltássemos esse ponto, tornaríamos paradoxalmente mais difícil o caminho. O problema não é tanto fazê-los perceber que o verdadeiro interesse da vida é uma outra coisa diferente daquilo que eles vivem, que é aquilo que nós dizemos: o ponto é ir até ao fundo no interesse que têm, perceber o nexo que existe entre o interesse que vivem e o interesse que mantém tudo junto, que é o que fez os santos tornarem-se santos. Ou seja, o reconhecimento – até afirmar diante do mundo com as palavras e com as obras – de que o critério que mantém tudo junto e que orienta toda a ordem da vida é um: Cristo, a relação com Cristo. Isto, nos santos, não os fez escapar da condição existencial na qual se encontram a viver. O nosso verdadeiro empenho é levar a sério o seu interesse, paradoxalmente talvez também mais de quanto eles o levam, porque eles, pela idade, inevitavelmente vivem mais superficialmente, tentando torná-lo uma pergunta dirigida ao coração da vida deles, que move a sua responsabilidade sobre a vida. Mas para serem ajudados a fazê-lo, devem perceber que em vocês não existe qualquer desprezo por aquilo que lhes interessa ou que, no limite, vocês só estão dispostos a tolerar porque é a condição para levá-los onde vocês querem. Pelo contrário, devem perceber que vocês estimam aquela coisa pelo facto de que está em relação com eles, poderia ser errada, mas devem poder chegar a perceber que é errada porque veem que vocês a levam a sério. E assim vale para todas as coisas às quais eles estão agarrados. O rapaz de 11 anos que se apaixona pela rapariga é desproporcionado, mas deve perceber que é uma coisa séria e, para o perceber deve começar a aperceber-se que tem a ver com a trajetória do cumprimento do destino da sua vida. Obviamente, isto não quer dizer que deve juntar-se à rapariga e fazer um certo percurso, mas sim que aquela coisa desperta qualquer coisa nele que deve ser desenvolvida e então é levada a sério. Muitas vezes, nós, pelo contrário, diante deste desejo que vemos transbordar nos miúdos, temos medo, porque sentimos que nos pode fugir por todos os lados, e então aquilo que é posto a nu é a consistência da nossa certeza e não que o interesse deles seja justo ou não. Em vez disso, deves atirar-te, porque assim também cresce a consistência da tua certeza, também nos falhanços, em que te apercebes de que não és capaz de responder, mas isso faz-te perguntar mais. O teu bloco de apontamentos é o teu ponto de partida. Depois, propões-lhes Frassati porque vocês decidiram assim e está bem, mas também podiam ser outros santos que se revelassem mais pertinentes. De qualquer maneira, a proposta não será diminuída se for dada com todas as razões. Eles devem poder compreender o porquê de lhes estares a propor Frassati a partir de dentro da experiência que fazem, porque se o ideal

deles é o ladrão ou o chefe da comunidade, deve-se perceber o que tem a ver com a proposta que lhes é feita. Quantas vezes nós, renunciando a fazer este percurso, de certa forma cansativo, a certa altura reduzimos a tensão e então aplicamos-lhes uma definição fechando o jogo e o que levamos para casa é um empate.

Valeria. *Sou professora numa escola pública de Milão e começámos há dois anos a fazer os Cavaleiros na paróquia dos sacerdotes da Fraternidade de São Carlos. Há um rapaz que começou a vir, desde outubro, todas as sextas-feiras e, dois meses depois, disse-nos: «Eu quero receber os sacramentos, decidi que quero batizar-me, confessar-me, fazer a Comunhão e o Crisma, porque aqui encontrei uma coisa muito bela». E, na última vez, disse-me: «Professora, este lugar para mim supera a Play Station». Este é o primeiro exemplo. O segundo é que na sexta-feira passada – fazemos como caritativa ir visitar os idosos que vivem no bairro social atrás da Igreja – um destes rapazes, depois de termos regressado da visita a Vito, disse: «Decidi que também posso ir visitar o Vito até sem vocês. Eu antes gozava com os idosos». Entre nós a moda é, se estamos para aí virados, gozar com os velhinhos, se não, acontece-lhes tipo qualquer outra coisa quando vão pela rua. E acrescentou: «Percebi que é bom, por isso, o que é que acham se eu começar a ir também sozinho visitá-lo? Algum de vocês quer vir? Não necessariamente uma vez por mês com os Cavaleiros». Quando o Gioele disse que queria receber os sacramentos, pensei: «De qualquer maneira, são Teus»; isto é, a relação com o Mistério é deles. O que é que eu tenho a ver com isto? Tu falavas da ‘ponta’ do manto que, porém, está ligado ao manto. Se eu me afastasse, onde os levaria? Ao nada. Mas esta relação é profundamente deles, isto é, de Deus que os tem no pensamento, pelo que sucedeu assim com Gioele, e, por isso, decidi receber os sacramentos, apesar de vir de uma família atea. A segunda reflexão que fiz foi sobre Karin, aquele dos idosos, impressionou-me que ele tenha tomado uma iniciativa. Disse para comigo: «A questão não é fazermos sabe-se lá que conferências sobre a educação, mas é um olhar novo; o de Karin é um olhar novo». Por último, apercebi-me que muitas vezes dou por mim a olhar para as coisas que lhes acontecem ou como uma gratificação ou uma desilusão, mas a coisa é sempre sobre mim. De qualquer maneira, aquele miúdo recebeu os sacramentos e o outro não vai por aí a acertar nos velhinhos com laranjas! Em vez disso, naquele dia, voltei para casa a dizer: «Que possibilidade tenho eu de reconhecer a Tua carícia!». E quantas vezes, porém, eu não a reconheço. Desde então nasceram muitas perguntas: o que quer dizer que tu estás diante desta imensidão de um rapzinho de 11 anos? E como é que o meu olhar pode ser cada vez mais educado a ver as coisas como uma carícia do Mistério e não como uma medida, antes de mais, sobre mim, e depois sobre os outros?*

Prosperi. Quero sublinhar três aspetos. O primeiro é este: a história de Karin ensina-nos que, muito mais que os discursos, muitas vezes aquilo que determina o juízo, como dizia a Valeria, é este olhar novo – porque o juízo, no fundo, é um olhar. Sobretudo num rapaz, o que é o juízo? O juízo deste rapaz formou-se dentro de um gesto. Nós devemos dar-nos conta do valor que têm, e que sempre tiveram – nesta idade mais do que nunca – para a nossa educação os gestos, frequentemente muito mais que as palavras, porque as palavras fixam-se no coração e na mente quando documentam uma experiência que se viveu, caso contrário, são ocas; na melhor hipótese esquecem-se ou, então, odeiam-se. A segunda coisa é aquela que a Valeria dizia da nossa satisfação. Nós vemos frequentemente que a satisfação que procuramos está em qualquer coisa que não é Jesus, está em sermos reconhecidos, no fundo. É certo desejar ser reconhecido, mas a questão é: por quem? Muito frequentemente o nosso reconhecimento, e assim a nossa satisfação, está ainda no facto de que as coisas se passem de uma certa maneira. Em vez disso se, este rapaz, que estava muito longe dos sacramentos, for batizado, talvez pudesse (digo por absurdo) também tornar-se um delinquente, mas tornou-se de Cristo. Para nós, no entanto, isto parece

que não vale nada, para nós só vale a outra coisa. Para nós tem mais peso o facto de que ele se tivesse tornado um delinquente – digo por dizer; não será o caso deste rapaz! – como uma falha nossa, do que o facto excepcional que ele tenha encontrado alguma coisa que o fez tomar a decisão de se batizar, que é uma coisa de outro mundo, uma decisão que nem mesmo os seus pais quiseram tomar para ele. Penso que é importante dar-mos conta de que esta idade é extraordinária para nós, porque é aquela em que se semeia e não se veem os frutos; em alguns casos seremos capazes de os ver ao fim de muitos anos, mas na maior parte dos casos não será assim. Então, isto – e é a terceira coisa – pede-nos para aprender aquilo a que todos os batizados são chamados, que é uma virgindade, isto é, amar a realidade pela relação que tem com Cristo, com quem a faz, como dom e, portanto, sem qualquer pretensão. A maior coisa que podemos fazer, em que pode haver, quando acontece, uma justa satisfação, um justo “prémio”, é que aquilo que vivem, aquilo que encontram, aquilo que têm para fazer, a experiência que fazem, manifeste a sua verdade, se torne fator de certeza. Dito por outras palavras: aquilo que eles intuem (e que os faz chegar a pedir os sacramentos, ou então perceber qualquer coisa que é verdadeira para todos) seja reconhecido por eles mesmos como verdadeiro. Karin percebeu que a caridade é a forma mais verdadeira da vida através de um gesto. Aqui está: que esta coisa que eles intuíram a possam reconhecer como verdadeira. Depois quem sabe onde a vida os levará, em muitos casos não poderemos fazer nada, por muito que o desejemos, até esforçando-nos para acompanhar isto, poderá não ser possível. Mas, que eles possam ter esta *marca* de verdade. E foi isto que eu pensei ao ler esta manhã as palavras da miudinha de Lecce. Percebi porque é que os Cavaleiros são uma experiência tão importante para o movimento neste momento: porque têm o valor que os Liceus tiveram no início. Hoje vejo miúdos que já viram e viveram coisas que a nós nem nos passava pela cabeça; estão neste ponto onde esta passagem está a acontecer e são vocês que estão à frente deles, assim como têm à frente tudo o resto; é o ponto em que, assim pequenos, se joga a atratividade que pode dominar a vida. E aquilo que diz esta rapariga explica-me porque é que pelo contrário esta realidade não diminui como número. Porque é assim, porque se esta atratividade domina podes ver já aos 11 anos alguém que diz estas coisas, que se torna consciente destas coisas, porque estas coisas, desculpem-me, não se podem dizer assim se não se está consciente. Certo, haverá toda a vida para desenvolver a clareza, mas é consciente, é já uma experiência.

Don Marcello. *Gostaria de aprofundar aquilo que nos disseste sobre a questão da performance. Aqui nós medimo-nos muito com base nos números, por isso alguém te diz: “Tu fazes o Graal. Quantos são? Diminuem? Aumentam?” Percebo que a questão da performance também existe quando nos sentimos os maiores. No entanto, perde-se aquela profundidade que, como tu dizias: reconhecidos por quem? Segunda coisa: na minha escola, este ano existe uma pequena crise, passámos de números enormes a um momento de dificuldade. E vem também a tentação de nos perguntarmos: “Onde é que errei?”. De um certo ponto de vista é interessante perguntar-se sobre aquilo que acontece; por outro lado, o perigo da medida sobre si mesmo, em ambos os casos, está sempre à espreita. Gostaria que pudesses aprofundar aquela deixa que nos deste.*

Prosperi. Quando acontece aquilo que tu dizias, isto é que atravessamos um momento de aridez, isto pode ser uma oportunidade, mas depende de como nós o vivemos. De facto, isto pode depender de uma aridez na proposta, que nasce de uma aridez que estamos a atravessar e, então, neste sentido, é como se Deus fizesse com que nos apercebêssemos que nos é pedido um passo de adesão maior a Ele. Talvez porque, como dizias, começámos a contentar-nos com o facto de que parecia que as coisas funcionavam, sem O procurar mais. Ou seja, sem nos apercebermos, deslizamos do desejo que eles encontrem Cristo para o desejo que nos encpntrem a nós, que se liguem a nós. Não é que seja errado que isto aconteça, pelo contrário, normalmente, as coisas são muitas vezes dependentes, mas, como disse o

então cardeal Ratzinger durante a homilia no funeral de don Giussani : «Ligou os outros a si para os levar Cristo». Toda a sua paixão humana não era para ligar a si, mas para ligar a Cristo. Isto é possível só se se vive intensamente uma paixão humana por Cristo. Só se se ama verdadeiramente, deseja-se a glória do amado mais do que a própria. Quando se ama verdadeiramente – isto é verdadeiro também no amor humano como reflexo- a tua glória está na glorificação do amado. Experimentas alegria no reconhecimento da grandeza de quem amas. Então, recuperar esta paixão e esta consciência volta a meter-nos em movimento, com ou sem números; porque, se é a glória do amado que domina a nossa vida, a ele confia-se que aquilo que poderá realizar-se através de nós é para a sua glória. É voltar a confiar no facto de que seja Cristo a chamar os miúdos através daquilo que faz acontecer na nossa mísera presença. Atenção: nós podemos viver isto de maneira fatalista, ou seja, sem que se torne um empenho nosso, um empenho das nossas energias e da nossa paixão para que tudo aquilo que somos seja posto com disponibilidade ao serviço desta glória. Isto é de tal modo verdadeiro que quando nós não vemos os resultados, afastamo-nos. Pelo contrário, que alguém recupere esta paixão e este desejo vê-se do facto que se não vê os resultados, metes-te mais dentro, talvez de modo diverso. É-te pedida uma inteligência diferente: pedirás ajuda, juntar-te-ás a outros, darás disponibilidade para outro dentro da vida da comunidade, não sei, mas não é uma rendição. Estou de acordo contigo quando dizes que ou esta consciência começa no momento em que as coisas andam bem, ou então é sempre necessário que Deus nos dê um toque para que acordemos. Pelo contrário, nós não estamos sozinhos a fazer estas coisas, a nossa companhia serve para que, agora que Deus nos concede um espaço de aproximação no coração destes rapazes, nós não percamos de vista esta consciência e nos ajudemos sempre mais a reconhecer qual é o objetivo verdadeiro pelo qual fazemos estas coisas.

Teresa. *Vivi um período um pouco cansativo porque estava a ajudar a minha mãe, que estava mal, e por isto, o encontro com os cavaleiros ia ser como um esforço. Os cavaleiros em San Giovanni, Piro, são uma presença bela. E há dez anos trouxeram uma grande mudança à minha vida. Com o retomar um pouco mais constante depois do Natal, senti-me um pouco desorientada; era como se tivesse perdido qualquer coisa, não ia para casa feliz e plena como nos últimos anos, mas um pouco vazia. E pensava: “O que está a acontecer?”. Estava descontente. Organizava tudo, mas via também os miúdos um pouco distraídos. Percebia que todos os anos anteriores tinham sido uma riqueza grandiosa na qual tinha visto milhões de vezes Jesus em ação através daqueles miúdos e perguntava-me: “Porque não é assim agora?”. Depois aconteceu um facto. Uma tarde, íamos fazer um jogo, não estava sequer muito preparado, e vejo um rapaz um pouco afastado. Chamo-o e convido-o para jogar à mímica. Ele vive numa quinta e propus-lhe imitar os animais. O seu rosto iluminou-se, de um modo que me tocou; depois, fez a mímica tão bem que fiquei impressionada e disse para mim: “O Senhor fala a este rapazinho através da sua realidade, através do seu ambiente, do seu modo, enquanto eu tenho a pretensão de contornar a sua realidade.” Isto fez-me companhia toda a semana, porque revi o tempo que vivi com a minha mãe através da sua doença e vi o Senhor em ação nalguns momentos, como naquele rapaz que falava dos seus animais. O Senhor tem-nos verdadeiramente a todos no coração. Voltei a casa feliz, porque vi que o Senhor não se esquece de ninguém, fala a todos do mesmo modo. E, a mim, fala através dos Cavaleiros quando não faço à minha maneira, porque sempre que fiz à minha maneira foi estéril, e quando quis vê-Lo, vi-O através de uma coisa muito banal, que era uma frase de um cordeirinho que o menino imitou. Aquilo que me impressionou foi mesmo isto: reconheci-O, como O reconheci tantas vezes nestes anos e voltei a casa diferente, porque os Cavaleiros são mesmo para mim.*

Prosperi. Esta última coisa que dizias é verdade sempre. Na experiência dos Cavaleiros, os adultos não são só professores, mas agora pensava nos professores. Penso que um ponto de verificação de que aquilo

que estamos a viver com esta proposta é verdadeiro, é mesmo o modo como muda a normalidade de ensinar. Por exemplo, a mesma maneira como tu desejias olhar para estes miúdos (dos quais alguns talvez sejam tidos como selvagens) porque são aqueles que vêm aos gestos que lhes propomos, normalmente é mais cansativo lidar na aula com aqueles que não fazem esta experiência. Mas, não! O facto de que é verdadeira a experiência que fazes deve começar a determinar o modo como olhas para o teu aluno que não quer estudar, só arranja problemas e não participa nas propostas dos Cavaleiros. Deve mudar o modo como reagiras diante desta situação. Isto não quer dizer que agora não deves tomar as medidas que deves tomar; mas é diferente o critério que te move, é diferente o juízo do qual partes, se é reativo ou se nasce daquele coração transformado que tu descobres, fazendo a experiência dos Cavaleiros.

Nadia. Trabalho numa escola pública em Villa Stanza di Parabiago, numa terrinha do Noroeste de Milão. Aquilo que disseste agora interessa-me muito, porque eu passei de uma escola privada na qual já vivia a experiência do Graal com alguns colegas, para uma escola pública onde fui colocada. A primeira coisa de que tive necessidade na forma de estar na aula senti com os miúdos foi a de não perder o olhar que tinha aprendido estando com os meus colegas e vivendo a experiência dos Cavaleiros. Por isso aquilo que foi fundamental foi ter reconhecido isto como o ponto de ajuda educativo. Comecei o ano entrando na aula e olhando para os miúdos que tinha à frente e que tinham situações muito diferentes dos miúdos anteriores, com famílias mais ou menos presentes em quem podia confiar do ponto de vista educativo, e dei-me conta que todas a vezes que nos encontrávamos com os adultos dos Cavaleiros, era para mim a ocasião para recomeçar com um olhar mais verdadeiro sobre os alunos na aula. Com alguns criou-se uma relação tal que, quando houve a ocasião de um passeio com os Cavaleiros pensei: “Esta experiência é tão boa e é tão edificante para mim, e adequada à experiência deles, que vou propor-lhes virem”. Fi-lo e alguns vieram. Mas aquilo que me impressionava era que aquilo era para mim uma sobreabundância: na aula, eu já vivia em pleno tudo aquilo que podia viver com eles, mas estas alunas que começaram a vir foram para mim um presente que me forçou a um trabalho. De facto, se antes dizia: “se puder vou às reuniões, mas se faltar, não sou indispensável, porque não tenho miúdos”, depois surgiu o desejo de me comprometer para que esta experiência seja sempre mais viva em mim e a proposta que eu lhes faça seja sempre mais verdadeira. Então esta coisa cresceu porque o Senhor, que tem mais interesse que eu em construir a sua Igreja, me ofereceu também uma colega do movimento que se pôs em jogo comigo. Entre mil dificuldades para encontrar um local, estas raparigas, no entanto, foram sempre fiéis; e quando lhes perguntei porque vinham elas não sabiam dizer. Então fiz-lhes notar: “Vocês são do sexto ano, mas já se conheciam antes?”. Nunca tinham pensado nisso, mas era verdade: não se conheciam e, no entanto, estavam contentes de estar juntas. E o mesmo na vez seguinte. E depois, na última vez tínhamos visto, junto com os rapazes de Parabiago da escola de Santo Ambrósio, o vídeo do discurso que o Papa tinha feito na JMJ do Panamá, para ver que o que provocava neles. Depois dos jogos, decidi retomar a coisa apenas com as nossas raparigas, porque era a primeira vez que nos víamos todas juntas e era normal também uma certa vergonha. Interessava-me saber se tinham gostado de jogar com os outros, e se queriam dizer alguma coisa. Surgiu a seguinte questão: “Mas vocês acreditam em Deus?”. Alguns diziam: “Eu sim, porque vejo que me dá tantas coisas boas”. Uma outra: “Assim assim...”. Envolveram-se num diálogo ordenado em que todas se ouviam, a posição de cada uma já um pouco identificada mesmo em relação ao problema de Deus. Por isso disse para mim mesma que no ir à Promessa não podia não ter isto em conta. Elas sabem que nós trabalharemos sobre Pier Giorgio Frassati, porque lhes propusemos, concordaram e estão a vir. Mas com esta pergunta no canto do olho: porque é que Frassati era assim quanto à sua posição em relação à existência de Deus? É uma questão que quero ter presente.

Prosperi. É bela esta coisa de lhes mostrar os santos e de os dar a conhecer ás suas vidas, porque eu percebo que uma pensa pensa sempre nos santos como qualquer coisa de inalcançável; em vez disso, ver que são homens que, também eles, tiveram as suas dúvidas sobre Deus, faz senti-los mais próximos.

Chiara: Ensino numa escola estatal em Chiavari. Trabalhei durante muitos anos numa escola do Movimento onde fiz a experiência dos Cavaleiros com tantas outras colegas e com as quais continuo a fazê-la. Tenho uma situação familiar um bocado complicada, por isso chego a estes momentos sempre extenuada. Todas as vezes - tenho um bocado de vergonha em dizê-lo - olho para o relógio e digo : «Olha, daqui a três horas já estou em casa». Vou sempre com um estado de ânimo terrível. Quando estou ali, estou contente, mas por causa do cansaço organizativo, de ir, de fazer... E a responsabilidade do gesto está, em grande parte, nas minhas mãos, por isso não posso dizer que não vou. Comecei o ano com muito deste cansaço em cima. Num dos primeiros encontros esqueci-me de convidar uma colega minha, que ficou muito zangada. Naquele dia em casa, fiquei triste e até comecei a chorar, mesmo não sendo eu de lágrima fácil, com o meu marido que olhava para mim e dizia: «Mas o que é que aconteceu ?». Conteí-lhe e disse-lhe : «Desculpa lá, mas eu não posso ensinar e ponto final? Há imensa gente até do movimento que o faz» Esta coisa do ensinar e ponto final, que veio ao de cima também tantas outras vezes, não é nova, mas para mim tornou-se uma pergunta. Porque é que eu sinto necessidade de fazer alguma coisa além do que faço na escola, de convidar os miúdos? Digo o que descobri, mas queria também uma correção sobre isto. Aquilo que descobri é que comecei a perguntar às colegas que estão comigo, sobretudo a uma do movimento, que é espetacular, mas um pouco desorganizada e a quem não pedia nunca nada porque pensava que a ia meter em dificuldades. Em vez disso, quando lhe falei sobre o meu cansaço, descobri que ela estava à espera que eu contasse como ela. Esta foi a minha descoberta: a unidade entre nós adultos, para além dos miúdos, para além do gesto, para além de quantos vêm ou não vêm. Uma unidade entre nós, em particular nesta escola estatal, que me permite não sentir-me sozinha, não ter todo este cansaço, que de qualquer maneira tenho sempre porque a situação objetiva não muda. Naquela noite disse a mim própria: « Se me custa tanto, o Senhor está-me a dizer que não é aquilo que devo fazer agora. Se calhar devo esperar até que os meus filhos sejam maiores, não sei.» Por outro lado, de qualquer modo, não posso não fazer uma proposta aos miúdos. Se eu não tivesse encontrado a minha professora na escola básica, não estaria aqui. Para mim isto é uma tarefa, parece-me que estou a falhar se « ensino e ponto final », para usar a expressão anterior. Pergunto-me se esta coisa é moralista, se deve ser corrigida, se é ideológica. Eu percebo-o assim: Por um lado há uma beleza em estar com os miúdos, por outro, o pensamento de ensinar e ponto final, ou seja, de não lhes fazer uma proposta, corra ela como correr, parece-me uma perda. E acho que a minha tarefa é estar ali para contar aquilo que vivi.

Prosperi: Ouvindo-te falar, mais do que pensar se és ideológica ou moralista pelo facto de pensares que queres fazer isto porque te entusiasma, mesmo com todas as dificuldades que encontras, pergunto-me (e espero que não seja assim) se não somos nós os moralistas ou ideológicos ao fazer-te ter estas dúvidas. De onde te vêm estas dúvidas? Eu não vejo esta divisão, não a vejo porque não existe, nunca existiu desde o início. Seria como dizer que esta divisão é genética, porque Giussani também fazia assim, mas nós aquilo que sempre nos dissemos foi que o que nos salva da ideologia é se o que move a nossa iniciativa é uma disponibilidade mais do que os nossos músculos. Porque se nasce de uma disponibilidade e tu sentes que esta coisa é importante para ti, para aqueles que encontras e que te são confiados, se é importante para a tua história, então procura defendê-la. Tu estás ali, mesmo que contes o tempo, estás ali com o relógio na mão, no entanto, não renuncias. Então o ponto de verificação não é tanto se é certo ou errado em abstrato – como no cálculo do costume que nós aplicamos segundo critérios

externos! – uma grelha kantiana que nós pomos em cima da realidade e vamos ver quais são os itens que temos de picar... O critério é a tua experiência: tu deves ver se cresces e se cresce a realidade à tua volta. Eu já dei tantas vezes este exemplo, que uma amiga que encontrei em Madrid me lembrou. Foi um episódio que aconteceu durante o período em que ia visitar a comunidade da Europa para dar uma ajuda aos responsáveis. Era novo, tinha vinte e seis anos. Eu tinha começado a ir quando ainda não era casado. Depois casei-me e um ano depois nasceu o meu filho Luciano. Nessa altura já há quatro ou cinco anos que viajava. Depois comecei a organizar mais as coisas, mas no início ia a todo o lado. Durante a semana trabalhava e, por isso viajava sempre aos fins de semana, com grande sacrifício sobretudo da minha mulher. Depois, a seguir ao nascimento do Luciano, obviamente o sacrifício aumentou. Quando ele tinha mais ou menos dois anos, ofereceram-lhe um jogo que se chamava “Alfabetário”; era um quadrado com peças e cada peça tinha uma letra. Carregava-se num botão que levantava uma tampa, debaixo da qual estava um objeto que tinha como inicial aquela letra. Era para ajudar a aprender o alfabeto (era um presente um pouco precoce, sobrevalorizaram-no um pouco...) por exemplo: debaixo da letra M estava uma mala. Ele gostava muito de jogar. Uma vez, carregou na letra M e ele disse “Papá!”. Eu comecei a rir porque disse: “Olha, associa-me a uma mala!” Depois, as crianças veem que te ris e então era sempre preciso carregar no M. Primeiro havia o ritual das outras letras, para finalmente chegar ao M, “Papá!”. Eu tinha de rir-me e ele adorava. Continuámos assim durante algum tempo. Mas depois a coisa começou a ficar preocupante porque ele via pessoas a passear com uma mala e dizia: “Papá, papá!”. Eu no início ria-me, depois comecei a pensar que podia ser um problema o facto de estar sempre a viajar: associar-me a uma mala não era o máximo. Comecei a pensar que talvez ele sentisse a minha falta! Por isso fiquei preocupadíssimo. Comecei a dizer: “Isto que faço pela gratidão do que me aconteceu na vida, com sacrifícios meus e da minha família, se no final, em vez de ser um bem, se torna para a minha família um problema, se calhar não faz muito sentido”. Mantive esta pergunta para mim durante algum tempo, depois uma vez fui fazer uma assembleia com o Giancarlo Cesana e, durante a viagem, contei-lhe toda esta história e perguntei-lhe: “O que é que te parece? Talvez seja um problema, talvez deva deixar de ir, talvez vá falar com Giussani e pergunto-lhe...”. Lembro-me que o Giancarlo perguntou: “Tens a certeza de que para ele a mala seja negativa?” Eu não tinha pensado nisso. Tinha para mim que se o meu filho me associava a uma mala, isso queria dizer que eu nunca estava e, então, aquilo que fazia por causa do movimento era um problema. Naquela altura pus-me a estudá-lo durante uns tempos e vi que realmente para ele era simplesmente uma coisa que associava a um fator positivo para a sua vida, isto é a relação com o seu pai. Não era um ponto de insegurança, pelo contrário, era um ponto de certeza que o fazia olhar com interesse uma realidade, que seria absolutamente insignificante para ele. Percebi nessa altura que aquilo que qualificava juízo dele – estamos a falar de uma criança de dois anos -, aquilo que via ao olhar para as coisas era um princípio positivo, isto é, para ele a relação com o pai era qualquer coisa de que tinha a certeza, mesmo estando eu fora muitas vezes. E para ele era positivo também tudo aquilo que eu fazia, mesmo não sabendo o que eram o Movimento e Jesus. Não sabia nada disto, mas percebia que o que eu fazia, de alguma maneira, me fazia gostar mais dele, da mãe dele, das coisas de que ele gostava, por isso, para ele era positivo. Cá está, tantas vezes olhamos para as coisas com uma preocupação que não considera o factor mais determinante, que é como muda a tua afeição pela realidade. Se o que fazes faz crescer a afeição à realidade, aos teus filhos, ao teu marido, à tua família, a tudo aquilo que te é dado, se faz crescer tudo isto, então é um bem. E isto é um ponto de verificação. Vais aperceber-te e, se não for assim, olharemos melhor para a questão, se for como digo avança como podes e pede ajuda, porque, como contaste, também isto às vezes se torna mais fértil do que quando fazemos tudo sozinho, consumindo-nos.

Albertino. *Entre tantas coisas estupendas que ouvi esta manhã, queria voltar à pergunta da Chiara porque sendo nós professores me parece decisiva. Como o Davide antes, penso que quando contrapomos estas coisas somos moralistas, porque a expressão “ensinar e ponto final” é errada. O problema é o que significa ensinar. E é verdade aquilo que dizia agora o Davide, que no início a experiência é vida. Ponto. Eu tenho na ideia duas imagens. Para Giussani ensinar era toda a sua paixão, como depois testemunhou nos seus encontros: a paixão por toda a verdade que queria comunicar e pelos miúdos que tinha à frente. Tanto é assim que, eu digo sempre isto aos professores do secundário, em alguns vídeos da história do CL se vê don Giussani, alguém que dava as aulas mais extraordinárias do ponto de vista cultural, a jogar à barra. Depois, outra imagem que faz parte da minha experiência - digo “por graça”, nunca tive esta dúvida - porque comecei a dar aulas com o don Giorgio Pontiggia, uma pessoa que encarnava esta identidade, como don Giussani. Mas queria dar outro exemplo. Dizia antes o Davide, e agora voltou a dizê-lo ainda melhor com o exemplo da mala, que a experiência que fazes leva a que mude a forma como olhas para os teus alunos: muda o critério com o qual olhas para eles, deixa de ser reativo. O ponto de verificação que vejo na minha experiência é este: fazer os Liceus, ou fazer o Portofranco, na minha experiência está a exaltar a paixão pelo ensino. Tira-me tempo, mas dá-me uma paixão, uma energia para o ensino nestes dois aspetos: a paixão pela verdade que quero comunicar através da Filosofia e da História e a paixão pelos miúdos. E muda o critério: já não és reativo, és mais generoso, não “bonzinho”, és mais ajudado, mesmo porque o reconheces na experiência. Como dizíamos hoje sobre os rapazes que só fazem asneiras, mas permanecem. E aos veres que eles são muito mais do que aquilo que aparentam, mesmo na sala de aula, tornas-te mais paciente, porque viste na experiência que no próprio facto de estares, gostas mais deles. Para mim, o facto de ter miúdos dos Liceus nas aulas não é a pretensão de que, como fazem os Liceus, devem ser os melhores ou os mais atentos nas minhas aulas. É antes como uma chamada de atenção, um incentivo a recuperar a origem desta paixão e, assim, a tentar olhar todos os outros com a mesma paixão, com a mesma magnanimidade, com a mesma paciência. Queria apenas sublinhar que, para este ponto de verificação, os Liceus são um ganho para o ensino. Senão o que é que deves ensinar? A paixão de comunicar a verdade.*

Prosperi: Veio-me à ideia há pouco, quando se falava dos rapazes mais inquietos, ou que não têm vontade de estudar, ou certos “casos problemáticos”, que a minha mulher é professora de Matemática e Ciências na escola básica, e devo dizer que, se considero os episódios que de vez em quando me conta à noite, os miúdos de que gosta mais são sempre estes. Porque no fundo é memo assim: podem ser um problema, mas há uma diferença abismal no modo como nós o vivemos. Ou seja, se para nós se torna verdadeiramente a circunstância à qual responder como nossa responsabilidade última a quem nos chama ali, ou se é um problema para gerir com a esperança de que passe depressa, para depois nos podermos dedicar às coisas que verdadeiramente importam. Isto faz a diferença, porque põe a nu a conceção que nós temos de nós e da realidade. O ano passado estive na Terra Santa. Só três dias, mas conseguimos ver tantas coisas porque os nossos amigos de Jerusalém levaram-nos a ver um pouco tudo. Entre tantas coisas que me ficaram no coração, uma comoveu-me em particular (mesmo que não tenhamos estado ali fisicamente: era a única etapa que não fizemos porque levava muito tempo) entre o que falámos neste percurso, foi o primeiro milagre de Jesus, o das Bodas de Caná. Sempre me perguntei porque é que o primeiro milagre de Jesus contado no Evangelho fosse um milagre que parecia quase magia: Jesus transforma a água em vinho. Quer dizer, depois fez coisas incríveis: curou os aleijados, deu a vista aos cegos, até ressuscitou os mortos...Porque é que foi este o primeiro? Tinha esta pergunta desde criança. No Evangelho existem tantas coisas que não se explicam facilmente. Pelo menos, eu sempre tive esta

impressão: de coisas que não fazem sentido e depois, quando fazes uma certa experiência, finalmente percebes. E quando as percebes, ilumina-se tudo. Aqui está, esta foi uma experiência parecida. De facto, passeando por Jerusalém, tu vês que nas velhas habitações dos fariseus, mas também de tantos hebreus da época, havia uma divisão (ou então um lavabo) dedicada às abluções, onde alguém, antes de comer ou de fazer qualquer coisa importante, devia imergir-se porque a água purifica. A água era o símbolo da purificação, ou seja, da tentativa do homem se elevar a Deus, de ser adequado para estar diante de Deus. Enquanto que o vinho, para a antiguidade em geral, mas também para os hebreus, tinha um outro significado: era o néctar dos deuses e também para os hebreus era o símbolo do dom de Deus. Então, ali, a coisa foi iluminada, porque Maria vai até Jesus e diz-lhe “Não têm vinho”, que significa: “Não têm mais o amor de Deus”. Só havia água, isto é, a tentativa de se purificarem, de se tornarem adequados com os seus gestos, com as suas regras, com as suas performances... Podemos meter aqui todas as palavras que descrevem o nosso quotidiano, mas sem o Seu amor. “Não têm vinho” diz toda a tragédia da existência que não faz experiência do amor de Deus. De outra maneira não se percebe porque é que Jesus naquele momento responde assim mal: “O que é que queres de mim, mulher? Ainda não chegou a minha hora”. Porque lhe diz: “Ainda não chegou a minha hora”? Porque se Ele cumpre aquele gesto, transforma a água em vinho, Ele declara diante de todos quem é: “Eu vim para vos trazer o Amor de Deus, sou Eu este dom. Não são os vossos gestos, as vossas capacidades, as vossas performances, não é sequer a vossa tentativa de melhorar. Sou Eu, é a minha presença, é a relação com a minha presença!” De tal maneira que o chefe de sala diz: “Mas todos servem o vinho melhor no início e tu, pelo contrário, agora é que nos dás o vinho bom”. Esta coisa impossível torna-se possível também para nós agora porque somos amados assim; e nós, que recebemos este amor, não podemos desejar outra coisa senão ser filhos, isto é, amar como o Pai ama, e de amar todos aqueles que nos são gratuitamente dados; mais para quem tem maior necessidade, que é o oposto de como o mundo raciocina, porque o mundo dá mais àqueles de quem recebe mais.

***Don Marcello.** Aquilo que nos disseste Davide, volta a meter-nos em jogo, porque tudo aquilo que nos espera – tantos já fizeram a promessa e tantos outros estão para a fazer -, esta manhã reencontrou o seu fundamento. E quando se reencontra o fundamento há mais vontade de fazer, de viver.*